

Posfácio

Desde as primeiras páginas desta obra, a autora nos fez perceber a extensão de sua proposta: investigar como a experiência de *ser jovem* pode ser problematizada como um processo de interseção, atravessado por discursos, representações e pelas singularidades dessas experiências vividas cotidianamente. Comunicação, juventude e educação costuram estas páginas, qual teia de múltiplos fios, delicada e consistente.

O desenho final é preciso, sem perder o dinamismo inerente à sua complexidade. Diante das imbricações e interfaces (desafiadoras do ponto de vista teórico e prático-investigativo), a autora manteve um comportamento epistemológico de fidelidade ao objeto da pesquisa. Pois os desdobramentos desenvolvidos procedem do próprio objeto: pesquisar a condição juvenil que se declara nas interseções comunicacionais cotidianas, emitidas por um grupo de jovens sociológica e culturalmente localizados entre mídia e escola, é tarefa de peculiar complexidade.

Além disso, o objeto escolhido pela autora tem uma configuração dinâmica, caracterizada pela dialogicidade – o que levou a autora a “dar voz” aos jovens, num exercício dedicado de inserção, escuta e análise. Se, de um lado, essa abordagem de campo traz desafios de leitura, por outro, é procedimento que confere seriedade e originalidade ao trabalho aqui publicado.

A cada capítulo, a autora avançou cautelosamente na visão do todo e dos fios que o constituem. Com zelo teórico (marcante nesta jovem ensaísta), ela se deixou iluminar por autores e autoras referenciais, visitou pesquisas anteriores, examinou o material colhido do seu recorte empírico, discerniu categorias analíticas pertinentes e desenvolveu uma reflexão densa, não só na redação, mas nas perspectivas que soube registrar.

A reflexão incorpora um seletivo elenco de autores do campo da Comunicação (Hall, França, Martín-Barbero), da Educação (Freire, Delors, Gadotti) e dos estudos sobre Juventude (Margulis, Sposito, Abramo). As citações de França e Dayrell (brasileiros), de Certeau e Quéré (franceses), ao lado de Fabbrini e Melucci (italianos) revelam o arcabouço epistemológico que exigiu da autora horas férteis de estudo e assimilação, na busca do pensamento próprio, que conjugasse as teses dos mestres e a dissertação da discípula. E nisto, consideramos feliz o resultado alcançado: a autora demonstrou sólida compreensão dos autores nacionais e internacionais, permitindo-nos vislumbrar que ela mesma – de luz em luz – vai amadurecendo suas convicções teóricas

e sua habilidade hermenêutica. Todos quantos navegamos no mundo da pesquisa e da docência sabemos o que isto significa para o presente e o futuro de quem escolheu a via do saber como possibilidade de compreensão e edificação do Humano.

Mirando a aplicação da obra, a consideramos significativa pelo simples fato de somar-se ao repertório de pesquisas sobre a condição juvenil no Brasil – produção necessária e aplicável a diferentes campos, especialmente para a Comunicação e a Educação. Nos dois casos – ao qual acrescento a literatura teológico-pastoral sobre Juventude –, a pesquisa aqui apresentada oferece sua contribuição:

(a) Comunicadores e comunicólogos poderão confrontar esta obra com sua própria experiência na área, percebendo os jovens como sujeitos dos processos comunicacionais. Superando de longe a linearidade funcional emissão-meios-recepção, o presente ensaio desvela continuidades e descontinuidades da comunicação no cotidiano juvenil, do qual emergem dados – não apenas sobre a mídia –, mas sobre o jovem enquanto interlocutor, receptor criativo e, em boa medida, comunicador original.

(b) Educadores e pedagogos encontrarão valiosas sugestões para aprimorar sua relação didático-pedagógica, no material que os próprios jovens fornecem nas suas falas: habilidades escondidas, códigos de linguagem, trama de afetos, medos e

decepções, esperanças e sonhos, percepções políticas e até mesmo estéticas que se incluem na educação.

(c) Pesquisadores e agentes de juventude, tanto no âmbito sociocultural quanto teológico-pastoral, poderão aprimorar programas e metodologias para uma presença adequada no meio juvenil, segundo suas respectivas propostas, superando o amadorismo de certas práticas e otimizando o protagonismo dos próprios jovens – assumidos como sujeitos de dupla cidadania: social e eclesial.

Termino parabenizando a autora, a quem desejo brindar com meu apreço e estima. Estou convicto de que esta obra assinala sua crescente maturidade, não só intelectual, mas ética e humana. Um belo passo para quem se propõe seguir adiante, amparada pela esperança e pela competência.

Marcial Maçaneiro

Pofessor da Escola de Educação e Humanidades da PUCPR, em Curitiba. É doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Itália), com formação interdisciplinar e atuação nas áreas de Antropologia do Sagrado, Diversidade Religiosa e Ecoteologia.